

APLICAÇÕES DO ENSINO ESTRUTURADO COMO MÉTODO DE INCLUSÃO ESCOLAR PARA CRIANÇAS AUTISTAS EM UMA ASSOCIAÇÃO DE JOÃO PESSOA-PB

Cyelle Carmem Vasconcelos Pereira¹
Ceylla Fernanda Vasconcelos Pereira²

RESUMO

O autismo é um transtorno de desenvolvimento, que se manifesta antes de 3 anos, cujas áreas afetadas são: interação social, comunicação e comportamento restrito e repetitivo. Por este motivo, os autistas enfrentam muitas dificuldades na aprendizagem e convívio social. O ensino estruturado, portanto, é utilizado como método de ensino e consiste em ensinar técnicas comportamentais e métodos de educação especial a crianças autistas. O objetivo desta pesquisa é mostrar os métodos TEACCH e PECS utilizados para o ensino-aprendizagem de crianças autistas na Associação de pais e amigos dos autistas – ASAS-PB, a fim de possibilitar a inclusão social e escolar. Trata-se de uma pesquisa exploratória com abordagem quantitativa, apontando atividades de práticas pedagógicas que facilitam e permitam o desenvolvimento escolar e social dessas crianças. O aporte teórico se baseou em Caetano (2000), Gurgel (2012), Laboyer (1995), Bautista (1995) e Orrú (2003). Concluímos, portanto, que o ensino estruturado permite que o autista possa se comunicar, aprenda de maneira diferenciada, coordene seu comportamento e se frustre com menos frequência, além de que o insere no ambiente escolar e social, convivendo em harmonia com pessoas diferentes e estranhas ao seu meio familiar.

Palavras-chave: Autismo Infantil. Educação Especial. Educação Inclusiva.

INFANTILE AUTISM: APPLICATIONS OF THE STRUCTURED TEACHING IN THE SCHOOL INCLUSION

ABSTRACT

key-words: Infantile autism. Special education. Adaptive behavior.

INTRODUÇÃO

¹ Mestrado e Graduação em Letras pela UFPB, Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica pelo Centro Integrado de Tecnologia e Pesquisa - CINTEP. Docente da Faculdade de Medicina Nova Esperança – FAMENE e editora da Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança. João Pessoa-PB. E-mail: cy_carmem@hotmail.com.

² Graduação em Direito pelo UNIPÊ, graduação em pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú - UVA-PB. Discente de pós-graduação em Psicopedagogia Institucional pelo Centro Integrado de Tecnologia e Pesquisa – CINTEP. Coordenadora pedagógica da Associação de pais e amigos dos autistas – ASAS-PB. João Pessoa-PB. E-mail: ceylla_fernanda@hotmail.com.

O autismo é classificado como um transtorno de desenvolvimento, definido como o comprometimento de desenvolvimento normal, que se manifesta antes da idade de 3 anos, cujas áreas afetadas são: interação social, comunicação e comportamento restrito e repetitivo. (CAETANO, 2000)

Hans Asperger, em 1944, observou um grupo de 200 adolescentes que tinham características semelhantes: falta de empatia com os demais, comunicação não-verbal muito pobre (fala gramatical tortuosa, literal no conteúdo e anormal na entonação), interesse em atividades repetitivas, contrários a mudanças de rotina, possuíam memória mecânica, mas pobre compreensão de ideias abstratas. Tendiam a apresentar alguns movimentos corporais exóticos e muitos eram desajeitados e sem coordenação em movimentos complexos. Asperger se referiu a este conjunto de características como “Psicopatia Autística”.

Autópcias realizadas em autistas revelaram que as células da região límbica, responsável por mediar o comportamento social, são menores e mais condensadas nos autistas, sugerindo uma interrupção precoce no desenvolvimento dessa parte do seu sistema nervoso. (GURGEL, 2012)

Diante dessas considerações, podemos afirmar que autistas enfrentam muitas dificuldades na aprendizagem e precisam de constante auxílio em sua vida. (BAUTISTA, 1995) A criança com autismo espera que seu ambiente educativo deva ser sempre o mesmo, sem grandes modificações, assim deve ser também com o educador, para que aconteça a adaptação da criança com ambiente em geral. (SZABO, 1992) O autista apresenta dificuldades na fala e quase não se comunica com os demais. Estas crianças apresentam dificuldades motoras, pois fazem movimentos rítmicos desorganizados e repetitivos, que são chamados de estereotipia, uma de suas principais características. (LABOYER, 1995) A falta de atendimento a crianças e adolescentes autistas pode resultar em adultos agressivos e frustrados, devido à incapacidade de compreensão do seu próprio mundo e do mundo que o cerca.

Para educar uma criança autista, é preciso levar em consideração a falta de interação com o grupo, comunicação precária, dificuldades na fala e a mudança de comportamento que apresentam essas crianças. (BEREOHFF, 1991)

Sabendo que o autista não se adapta facilmente ao mundo externo, é preciso que, na escola, ele tenha uma rotina estruturada, situando-o no espaço e no tempo. O

professor também deve fazer parte dessa rotina, compreendendo que a mesma não é uma restrição a sua criatividade. Os profissionais devem ser treinados para lidar especificamente com essas crianças. A intervenção deve ser a mais intensiva e precoce possível, realizada por equipe multidisciplinar que inclua psiquiatra, psicólogo, neurologista, pediatra, professor, psicopedagogo, fonoaudiólogo e fisioterapeuta, dentre outros. (GURGEL, 2012)

Para que essa intervenção produza, de fato, um conhecimento que auxilie no trabalho com o aluno autista, é preciso que ela seja compartilhada com outros profissionais. Daí a importância do professor receber assistência adequada de uma equipe com profissionais de outras áreas que possam permitir uma articulação transdisciplinar. (GURGEL, 2012) Devido à complexidade do quadro clínico, a criança com autismo tende a não se beneficiar de uma aprendizagem por meio de exposição direta a estímulos diversos, que não contribuem para sua formação psicossocial e desenvolvimento de suas estruturas cognitivas. (ORRÚ, 2003)

Diante dessas considerações, o objetivo da pesquisa é mostrar os métodos utilizados para o ensino-aprendizagem de crianças autistas em uma associação de João Pessoa-PB, a fim de possibilitar a inclusão social e escolar.

METODOLOGIA

A pesquisa trata-se de um estudo exploratório com abordagem quantitativa, na qual se buscou demonstrar os métodos utilizados para ensino voltado às necessidades dos autistas na escola, apontando atividades de práticas pedagógicas que facilitam e permitam o desenvolvimento escolar dessas crianças.

A pesquisa se justifica pela verificação de como profissionais educacionais lidam com autistas diariamente, dos sucessos alcançados que contribuem para o desenvolvimento psicológico, motor e social de alguns autistas, atendidos na Associação de Pais, Amigos e Simpatizantes dos Autistas – ASAS-PB.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ensino estruturado é uma ferramenta fundamental para o eficaz aprendizado do autista. Surgido na década de 70 e desenvolvido por Eric Schopler e seus colaboradores, o ensino estruturado consiste em ensinar técnicas comportamentais e métodos de educação especial a crianças autistas, a fim de que respondessem as suas necessidades, muitas vezes impossibilitadas pela falha na comunicação. (BRASIL, 2008)

O Ensino Estruturado procura tornar o ambiente em que o aluno se insere mais previsível e acessível, minimizando reações a grandes mudanças no ambiente físico e comportamentais. Visa, portanto, melhorar sua autonomia através de capacidades adaptativas, e a participação na escola junto aos colegas de turma, almejando a inclusão na sociedade.

Normalmente, à medida que vão se desenvolvendo, as crianças vão aprendendo a estruturar seu ambiente, enquanto que os autistas e outras pessoas com distúrbios difusos do desenvolvimento precisam de uma estrutura externa para otimizar uma situação de aprendizagem. (GURGEL, 2012)

O ensino estruturado busca diminuir a ocorrência de problemas de comportamento, com a promoção da organização interna que facilita os processos de aprendizagem.

Através de um ensino estruturado é possível:

- Fornecer uma informação clara e objetiva das rotinas;
- Manter um ambiente calmo e previsível;
- Atender à sensibilidade do aluno aos estímulos sensoriais;
- Propor tarefas diárias que o aluno é capaz de realizar;
- Promover a autonomia. (BRASIL, 2008)

Consequentemente, o método traz segurança, confiança e ajuda a criança a criar meios de acesso a outras pessoas, potencializando sua capacidade. Esse acesso vem por meio da comunicação, tão fundamental para proporcionar a interação social. Acredita-se também que muitos transtornos de

comportamento surgem da incapacidade ou da dificuldade de se comunicarem. Dessa forma, os métodos focam muito nas atividades que possibilitam a comunicação do autista com as pessoas que o cercam.

Alguns aspectos são extremamente importantes para possibilitar o ensino estruturado, como a estrutura física; organização do tempo; plano de trabalho; e cartão de transição.

Um método muito difundido do ensino estruturado é o TEACCH, cujo foco é o ensino de capacidade de comunicação, organização e partilha social. (BRASIL, 2008) O método centra-se nas áreas de processamento visual e interesses especiais, explorando-as a favor de aprendizagens rotineiras.

Figura 1 – Atividades de leitura e matemática aplicadas na ASAS-PB, através do método TEACCH.



Fonte: Arquivo institucional.

O professor também se beneficia dessa rotina à medida que consegue operacionalizar os objetivos do seu plano de ensino de maneira mais dinâmica e organizada. A rotina deve ser compreendida como planejamento e organização, e não uma restrição à criatividade do professor, permitindo a ele a possibilidade de maior visualização sobre todo o seu trabalho. (GURGEL, 2012)

Figura 2 – Atividades diárias a serem cumpridas pela criança autista através do método PECS.



Fonte: Um Anjo Azul entre nós. Disponível em:
http://umanjoazulentrenos.blogspot.com.br/2012_01_01_archive.html

Existem diversas associações de pais no Brasil. Na Paraíba, além da AMA, funciona também a ASAS-PB, associação criada por pais que precisavam de atendimento e tratamento para seus filhos autistas, no entanto, não podiam arcar com o custo elevado das associações em vigência na época. A associação foi fundada em 2009, atendendo 11 crianças, conseguindo alcançar 18 atendimentos, no entanto, devido à falta de recursos e quebra de convênio com a prefeitura municipal houve redução. Atualmente, a Asas-PB atende 12 crianças, entre as faixas etárias de 5 a 13 anos, assistidas por 3 professoras, que os auxiliam nas atividades pedagógicas e da vida diária.

Figura 3 – Fachada da ASAS-PB.



Fonte: Arquivo institucional.

Um fator relevante a ser mencionado é o aumento do período de atendimento. Inicialmente as sessões eram de 1 hora e meia, posteriormente passando a ser em turno integral. Esta ampliação do tempo possibilita a intervenção das professoras e ajuda as crianças a manterem a organização e o foco em suas atividades.

As equipes envolvidas na intervenção do desenvolvimento dos autistas têm conseguido que crianças menos comprometidas tornem-se mais sociáveis, usando construtivamente as habilidades aprendidas. (O PEDAGOGO, 2008)

Para inserir um aluno com autismo na escola, é necessário, antes de tudo, um período de sensibilização dos outros alunos, professores e funcionários, expondo-lhes a real situação, com informações básicas sobre aquela criança. Esse trabalho de sensibilização deve se manter durante todo o ano escolar. (ROCHA, 2011)

Antes de se elaborar a programação propriamente dita, deve-se observar esse aluno para, se possível, conhecer quais canais de comunicação se apresentam mais receptivos a uma estimulação. (ROCHA, 2011) À medida que as séries vão avançando, torna-se primordial a inserção de um acompanhante da criança em sala de aula, como um cuidador, que auxilie os professores a adaptarem os comandos, os compromissos da criança à sua forma diferenciada de aprender.

Cada criança reage de maneira distinta a estímulos semelhantes, portanto, é crucial que haja uma avaliação individual de cada comportamento, estereotípias, nível de desenvolvimento e limitações para, enfim, haver a intervenção terapêutica.

É fundamental observar que as atividades oferecidas não estejam acima de suas condições cognitivas. (ROCHA, 2011) Portanto, se uma criança tem dificuldade de manter-se concentrada, suas atividades, inicialmente, devem durar menos tempo que o exigido, sendo acrescentado mais tempo a cada tentativa, até que ela possa cumprir o tempo necessário para a atividade sem causar-lhe estresse ou irritação.

Portanto, caberá ao professor adequar o seu sistema de comunicação a cada aluno, respectivamente. O planejamento proposto será positivo se for construído levando-se em conta os pontos fortes e fracos, ou tentar algo que a criança não é capaz de fazer (ROCHA, 2011), dando-lhe oportunidades para que ela alcance esta etapa.

Sabemos que o progresso do autista deve-se também a colaboração da família com estas equipes terapêuticas, auxiliando-os e prolongando para o espaço nos lares os métodos aplicados. Forma-se, portanto, uma dupla, a escola e a família, que estimula a criança a progredir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi apresentado, percebemos que, quando a criança com autismo é exposta a estímulos sem a devida intervenção do professor, pode se tornar estressada por causa da saturação de informações que podem lhe parecer sem função, já que ela pode até registrar os estímulos e interagir com os mesmos, mas sem, contudo, ocorrer modificações em seu processo cognitivo.

O ensino estruturado permite que o autista possa se comunicar através de cartões ilustrativos, aprenda de maneira diferenciada, coordene seu comportamento e se frustre com menos frequência, além de que o insere no ambiente escolar e social, convivendo com pessoas diferentes e estranhas ao seu meio familiar.

Deve-se ficar claro que o ensino estruturado não serve apenas ao meio escolar, como recurso pedagógico, serve também para torná-lo autônomo em suas atividades diárias de higiene, alimentação, lazer etc.

Considerando a rotina diária, é fundamental que o aluno autista participe de todas as etapas, diminuindo a possibilidade de crises comportamentais durante o período escolar. É fundamental o educador ensinar uma rotina com flexibilidade incorporada, metodologia indispensável para a educação do autista. Eu diria que é fundamental.

No momento em que reconhecermos nossas dificuldades, fraquezas, e deficiências um novo caminho se abrirá e a partir deste caminho que o educador começa a compreender que ser portador de necessidades especiais não impede ninguém de viver por mais limitante que esta pareça ser.

Frequentar uma escola significa, para o indivíduo, a possibilidade de conviver com seus pares e vivenciar uma dimensão social da qual necessita para desenvolver-se como qualquer ser humano.

Essas medidas de adaptação dos autistas e de formação e qualificação dos professores para recebê-los de maneira apropriada nas escolas têm o intuito de evitar que esses alunos percam a chance de aprender e sejam “eliminados” do ambiente escolar. Além disso, trazendo à tona a discussão sobre a síndrome, tenta-se minimizar o preconceito que ainda cercam o tema e melhorar a qualidade de vida dessas crianças.

REFERÊNCIAS

BAUTISTA R. **Necessidades Educativas Especiais**. Portugal: Dina Livros; 1995.

BEREOHFF AMP. **Autismo**: uma visão multidisciplinar. São Paulo: GEPAPI, 1991.

BRASIL. Ministério da Educação. **Unidades de Ensino Estruturado para alunos com perturbações de espectro do autismo**. Normas Orientadoras; 2008.

CAETANO D. **CID – 10: Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamentos da CID10**. Organização Mundial da Saúde. Porto Alegre: Artmed; 2000.

GURGEL, DS. **A arte e as dificuldades de educar uma criança autista**. Pedagogia ao pé da letra. Educação Especial; 2012. [acesso em: 12 ago. 2013] Disponível em:

<http://www.pedagogiaaopedaleta.com.br/posts/a-arte-e-as-dificuldades-de-educar-uma-criancas-autistas/>.

LABOYER M. **Autismo Infantil**. 2.ed. [s.l.]: Papyrus; 1995.

O PEDAGOGO na educação da criança autista. Webartigos; Fev. 2008 [acesso em: 12 ago. 2013] Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/o-pedagogo-na-educacao-da-crianca-autista/4113/>.

ORRÚ SE. A formação de professores e a educação de autistas. **Revista Iberoamericana de Educación** (Online), Espanha. 2003 [acesso em 10 ago. 2011];31:1-15. Disponível em: <http://www.rieoei.org/deloslectores/391Orru.pdf>.

SZABO C. **Autismo um Mundo Estranho**. São Paulo: Edicon; 1992.